

Atuação do BNDES na região Nordeste

Paulo Ferraz Guimarães, Fernando Castilhos de Araújo Galindo Félix,
Rodrigo Almeida de Aguiar, Ana Carolina Varejão Lima Carvalhosa
e Tagore Villarim de Siqueira

1

Atuação do BNDES na Região Nordeste

PAULO FERRAZ GUIMARÃES

FERNANDO CASTILHOS DE ARAÚJO GALINDO FÉLIX

RODRIGO ALMEIDA DE AGUIAR

ANA CAROLINA VAREJÃO LIMA CARVALHOSA

TAGORE VILLARIM DE SIQUEIRA

RESUMO

O presente capítulo tem por objetivo relatar a atuação do BNDES na Região Nordeste no período de 2007 a 2013. Inicialmente, apresenta-se de forma mais agregada uma análise dos desembolsos do Banco na região, haja vista que uma avaliação mais detalhada se dará nas seções seguintes por meio das áreas¹ com maiores desembolsos; posteriormente um balanço da participação em cada estado nordestino; e, por fim, algumas considerações sobre os avanços e desafios regionais do Banco.

ABSTRACT

This chapter aims at reporting on the performance of Brazilian Development Bank (BNDES) in the Northeast Region from 2007 to 2013. Initially, it presents a more aggregated analysis of the Bank's disbursements in the region, while a more detailed assessment will be made in the following sections, by the operational areas¹ with higher disbursements in Northeast. Afterwards, there is an appraisal on each northeastern state, and finally some considerations are presented concerning regional improvements and challenges the Bank faces.

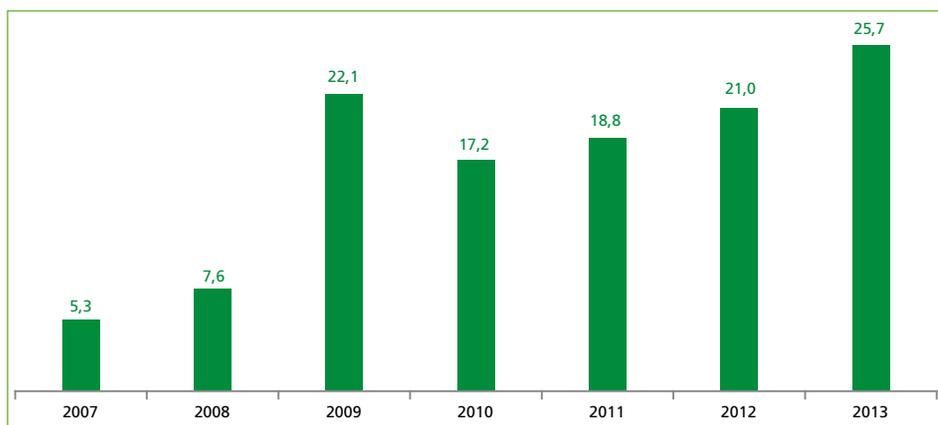
QUADRO GERAL

Os recursos liberados para financiamentos na Região Nordeste pelo BNDES no ano de 2013 atingiram R\$ 25,7 bilhões, o que significa um crescimento de cerca de 22% em relação a 2012 e representa cerca de 13,5% do total desembolsado pelo Banco no país. Quando comparado a anos anteriores, esse valor é quase cinco vezes maior que o desembolso regional realizado em 2007, que foi de R\$ 5,3 bilhões (Gráfico 1). Percebe-se uma mudança de patamar nos desembolsos realizados a partir de 2009 quando entram, de forma mais significativa na carteira do Banco, projetos empresariais de maior porte e apoio aos planos de desenvolvimento apresentados pelos nove estados da região, mobilizando recursos mais robustos. Em 2007, por exemplo,

¹ Atualmente o BNDES tem 22 áreas e 65 departamentos. *Presently, there are 22 operational areas and 65 departments in the BNDES.*

a participação do Nordeste nos desembolsos totais do BNDES era de 8,2%, e esse percentual passou nos anos seguintes para aproximadamente 13,5%, participação semelhante ao que o Produto Interno Bruto (PIB) regional representa em relação ao produto do país.

GRÁFICO 1 Desembolsos do BNDES para o Nordeste, 2007-2013 (em R\$ bilhões)



Fonte: BNDES.

TABELA 1 Desembolso do BNDES por estados da Região Nordeste, 2007-2013 (em R\$ milhões)

Estados	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Total	%
Alagoas	89	151	261	588	860	518	953	3.420	2,9
Bahia	2.760	3.150	3.366	4.799	4.978	5.731	9.262	34.046	28,9
Ceará	448	961	1.969	3.592	2.489	3.009	2.484	14.952	12,7
Maranhão	293	1.092	1.599	1.327	2.702	3.772	3.919	14.704	12,5
Paraíba	107	279	370	482	727	589	980	3.534	3,0
Pernambuco	1.320	1.647	13.026	4.245	4.601	3.208	3.636	31.683	26,9
Piauí	171	77	820	697	379	785	868	3.797	3,2
Rio Grande do Norte	91	186	347	806	1.471	2.813	2.845	8.559	7,3
Sergipe	44	83	308	675	563	625	709	3.007	2,6
Nordeste	5.322	7.627	22.067	17.211	18.768	21.048	25.657	117.700	100,0

Fonte: BNDES.

Considerando-se todo o período, o volume financeiro liberado pelo Banco na Região Nordeste foi de R\$ 117,7 bilhões. Nesse intervalo, os estados com maiores participações no desembolso regional foram a Bahia e Pernambuco com 28,9% e 26,9% respectivamente, destacando-se ainda os estados do Ceará e do Maranhão no patamar de 12%, observa-se assim uma concentração intrarregional conforme apresentado na Tabela 1.

As três maiores economias do Nordeste brasileiro, acompanhadas do estado do Maranhão, registraram um ciclo de ampliação e consolidação de importantes polos de investimento nos últimos anos com a presença de investimentos em setores econômicos tradicionais, mas principalmente em segmentos que não tinham presença expressiva na região. Estaleiros para produção de embarcações de grande porte, plantas petroquímicas, produção de papel e celulose, fabricação de equipamentos de geração de energia eólica, refino de petróleo, produção automobilística, plantas farmacoquímicas tendem a modificar o perfil industrial da região nos próximos cinco anos e possibilitar até investimentos maiores em inovação a partir das demandas desses projetos.

Os estados com menores economias também apresentaram elevadas taxas de crescimento nas liberações, alguns com crescimento superior aos de maior economia no período apresentado (Rio Grande do Norte, Sergipe e Alagoas). Evidentemente o volume financeiro é menor, principalmente pela ausência de projetos de grande porte, mas, na maioria deles, as liberações ocorreram de forma mais pulverizada, alavancando a quantidade de operações realizadas, conforme será analisado mais adiante.

Nos Planos Estaduais de Desenvolvimento, mencionados anteriormente, estão presentes investimentos em infraestrutura portuária, rodoviária e de saneamento, além de financiamento a construção de hospitais, escolas e outros equipamentos públicos, com recursos distribuídos de forma mais equilibrada entre os estados nordestinos, independentemente da presença de

projetos empresariais de grande porte. O Proinveste, por exemplo, com orçamento nacional de R\$ 20,0 bilhões, foi um dos programas que proporcionou crédito aos governos estaduais para investimentos. O Nordeste participou com cerca de 38% dos recursos, ou seja, parcela bem superior à representação do PIB na economia nacional e com uma repartição por cada estado mais equânime, ainda que se considerem as diferenças nos tamanhos das economias, conforme pode ser observado na Tabela 2.

TABELA 2 Orçamento previsto para o Proinveste – Nordeste e Brasil

Distribuição	R\$ milhões	% no NE
Alagoas	611,82	7,9
Bahia	1.487,69	19,2
Ceará	1.089,58	14,0
Maranhão	1.001,34	12,9
Paraíba	689,22	8,9
Pernambuco	1.069,07	13,8
Piauí	624,64	8,1
Rio Grande do Norte	615,24	7,9
Sergipe	567,30	7,3
Nordeste	7.755,92	100,0
Brasil	20.000,00	---

Fonte: BNDES.

Com essas características, as linhas destinadas aos governos estaduais tornaram-se um forte instrumento de estímulo à melhoria dos programas governamentais e, em grande parte, trouxe como resultado uma visão integrada aos investimentos e às ações priorizadas pelos gestores estaduais. Programas como o Sergipe Cidades ou o Viva Maranhão, que do ponto de vista territorial são bastante abrangentes e também multidimensionais, agregam ao mesmo tempo apoio à melhoria de gestão pública, financiamento à infraestrutura de transporte, educação básica, promoção social da população em situação de vulnerabilidade,

serviços aos agricultores familiares, saúde, esgotamento sanitário e abastecimento de água. Considerações mais detalhadas sobre os programas do Banco para o setor público serão apresentadas no capítulo “Atuação da Área de Infraestrutura Social do BNDES na Região Nordeste do Brasil”.

AMPLIAÇÃO DO ACESSO AO CRÉDITO

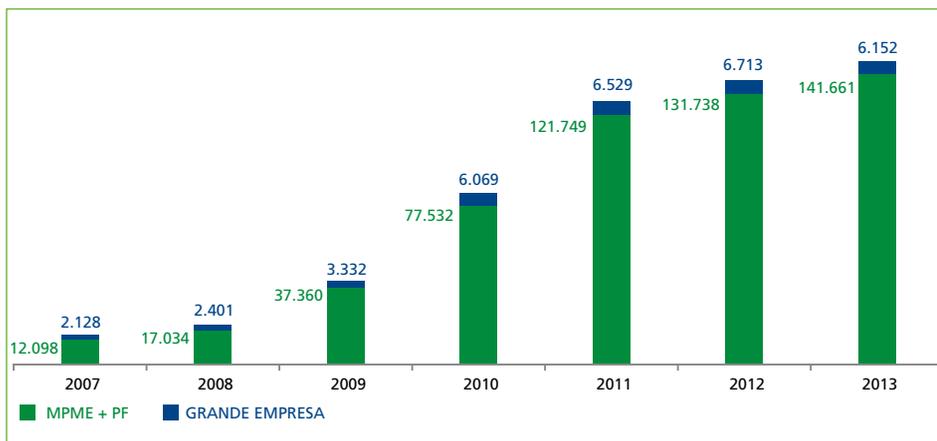
Outra variável de destaque na atuação do BNDES no Nordeste diz respeito ao número de operações, ou seja, a quantidade de financiamentos realizados pelo Banco nas diversas modalidades e nas quais a região apresentou taxas de crescimento superiores à nacional. Em 2007, foram realizadas cerca de 14,0 mil operações, alcançando 148,0 mil em 2013, isto é, uma expansão de mais de dez vezes no período analisado. Esse desempenho foi possível a partir da intensificação das operações indiretas realizadas por meio das instituições financeiras credenciadas² por linhas e programas mais ágeis, como o Cartão BNDES e o programa BNDES PSI. A pulverização do crédito por meio dessas modalidades foi percebida nacionalmente, contudo a intensidade na região foi ainda superior entre 2007 e 2013. O Cartão, por exemplo, que desembolsava no Nordeste menos de R\$ 100,0 milhões em 2007, superou R\$ 1,7 bilhão em 2013. Esse patamar representa 17,1% dos financiamentos realizados por meio da modalidade no Brasil, superando o que representa nacionalmente a economia regional.

Salienta-se que, ao se avaliar a atuação do BNDES por porte, a participação das micro, pequenas e médias empresas (MPME) no número de operações foi de cerca de 96% e em torno de 30% no que se refere ao volume financeiro. Merece ressalva o desembolso de aproximadamente R\$ 10,0 bilhões para o projeto da Refinaria Abreu e Lima, que distorceu o valor médio de

² Atualmente, o BNDES tem mais de sessenta bancos públicos e privados e agências de fomento credenciados para repasse das linhas de financiamento.

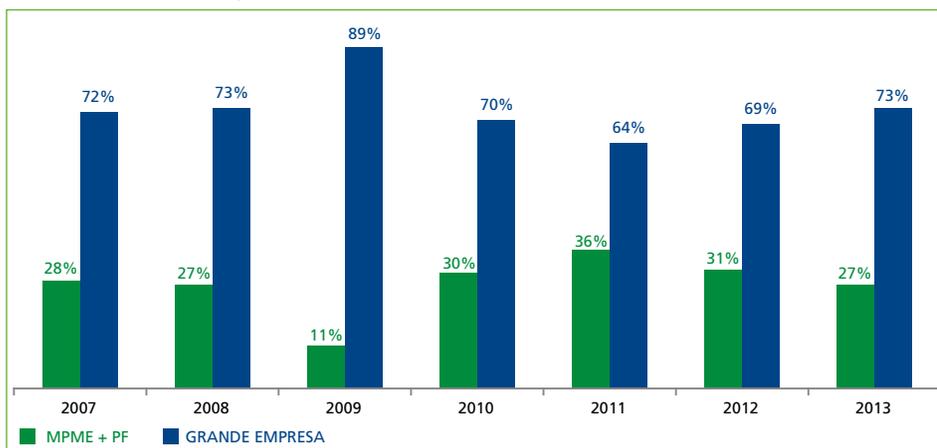
liberações em 2009. Tomando-se como base, por exemplo, o último ano da série, foram liberados cerca de R\$ 7,0 bilhões para as MPMEs (gráficos 2 e 3).

GRÁFICO 2 Número de operações do BNDES no Nordeste, 2007-2013



Fonte: BNDES.

GRÁFICO 3 Participação no volume de financiamento por porte de empresas (em %)



Fonte: BNDES.

Na desagregação por estado, percebe-se desempenho semelhante ao da região, contudo chama a atenção o desempenho de economias de menor porte, por exemplo, o Piauí, o Rio Grande do Norte e a Paraíba, com as maiores taxas de crescimento, e o estado de Pernambuco, com o menor crescimento no número de operações da série apresentada. Esse comportamento acaba refletindo o valor médio³ das operações realizadas nos estados mencionados. Para Pernambuco e Maranhão, a média de desembolso por operação nos sete anos analisados é superior aos demais estados, R\$ 340,1 mil e R\$ 277,8 mil, respectivamente, influência da presença mais expressiva de grandes projetos nessas unidades da federação. Situação contrária à que se observa na Paraíba, com R\$ 96,0 mil de valor médio das operações.

TABELA 3 Número de operações do BNDES no Nordeste – por estado

Estados	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Soma por UF	Part. (%)
Alagoas	587	656	1.605	4.189	5.840	5.313	5.838	24.028	4,20
Bahia	5.309	7.099	13.801	26.853	42.665	45.439	48.005	189.171	33,00
Ceará	1.799	2.800	7.300	13.233	20.778	23.428	24.337	93.675	16,40
Maranhão	1.249	1.388	2.870	5.805	10.663	13.930	17.026	52.931	9,20
Paraíba	597	903	2.800	5.686	8.273	8.950	9.239	36.448	6,40
Pernambuco	3.232	4.101	6.739	15.926	21.665	20.963	20.522	93.148	16,30
Piauí	440	723	2.045	3.386	5.221	7.281	8.855	27.951	4,90
Rio Grande do Norte	614	1.119	2.503	5.505	8.337	8.760	9.570	36.408	6,40
Sergipe	398	642	1.296	3.014	4.831	4.387	4.421	18.989	3,30
Região NE	14.225	19.431	40.959	83.597	128.273	138.451	147.813	572.749	100,00

Fonte: BNDES.

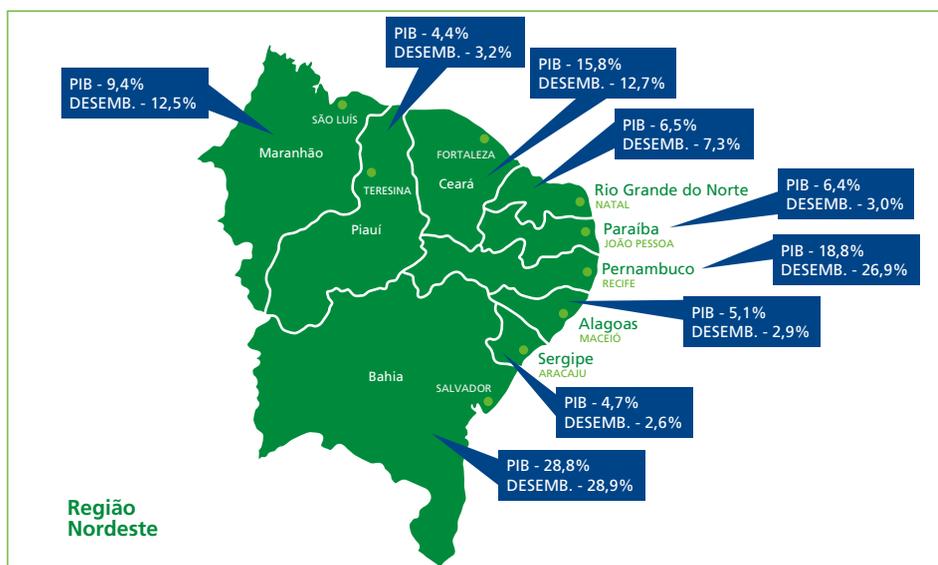
Distribuição espacial

Quando se compara o desembolso estadual ao que representa cada economia na região, percebe-se um desafio semelhante ao

³ Somatório do desembolso por estado entre 2007 e 2013 dividido pelo somatório do número de operações no mesmo período.

enfrentado nacionalmente. A expressão econômica de cada estado acaba sendo refletida na participação nos financiamentos do BNDES ou em alguns casos com participação inferior à representação do PIB estadual no regional. Este capítulo não se propõe a esgotar a discussão sobre a questão, mas sim provocá-la a partir de alguns pontos relevantes. Os estados da Paraíba, de Alagoas e de Sergipe, por exemplo, apresentam as maiores distorções, embora, nos dois primeiros, os recursos desembolsados tenham aumentado em quase dez vezes no período analisado e mais de 15 vezes no caso de Sergipe (Figura 1).

FIGURA 1 Distribuição do desembolso do BNDES (2007-2013) e do PIB (2011) na Região Nordeste

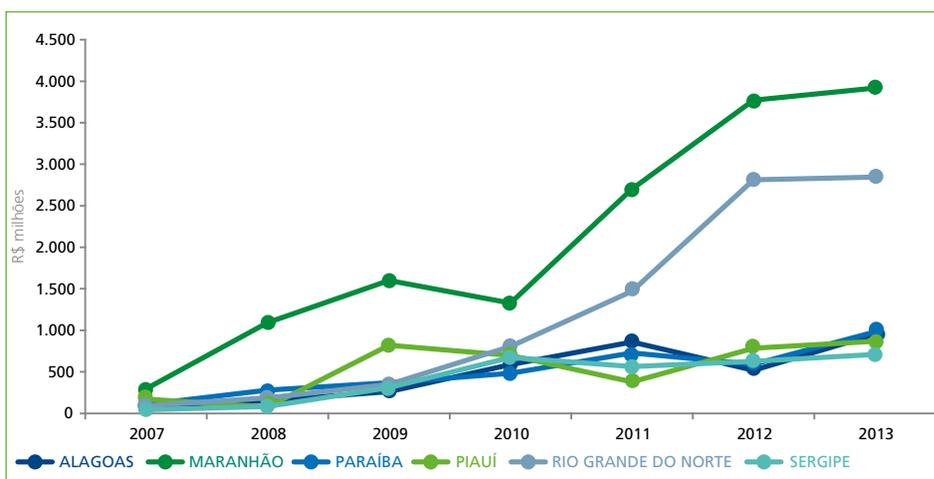


Fonte: BNDES.

Partindo-se da premissa de que o volume de financiamento na maioria das vezes é reflexo da demanda existente ou, pelo menos, da capacidade de endividamento das empresas e governos e da decisão de localização dos investimentos pelo setor produtivo, seria necessária uma avaliação mais detalhada dos três estados

mencionados. Algumas hipóteses podem estar relacionadas a: (i) ausência de grandes projetos e conseqüentemente menor volume de crédito; e (ii) estrutura econômica com significativa presença de empresas de menor porte, explicando-se dessa forma o forte crescimento, não do valor monetário, mas no número de operações de financiamento, principalmente no estado da Paraíba.

GRÁFICO 4 Estados selecionados – desembolso do BNDES, 2007-2013

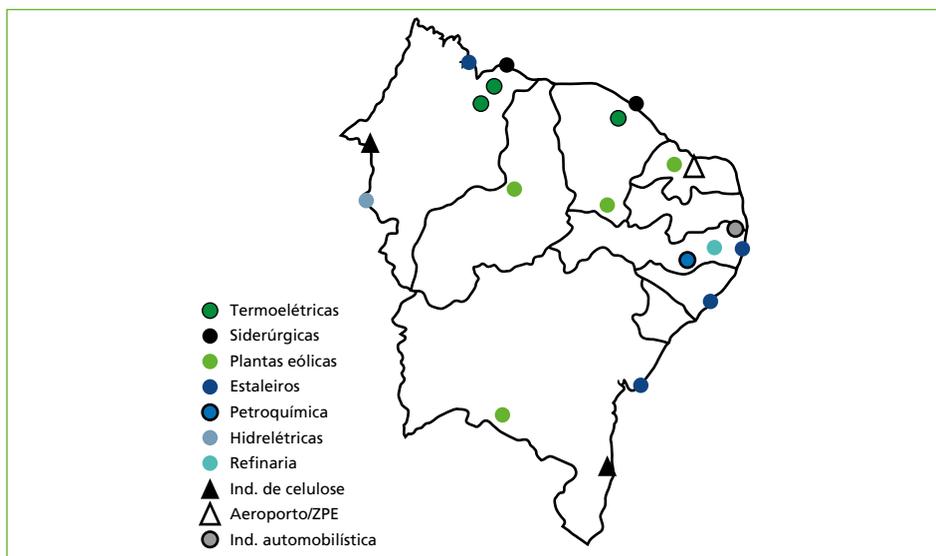


Fonte: BNDES.

Nesse sentido, o Gráfico 4 foi elaborado considerando-se apenas a evolução da participação nos financiamentos pelas economias de menor porte, ou seja, subtraindo-se no caso os estados da Bahia, Pernambuco e Ceará, cujas carteiras já contemplam investimentos de maior porte. Consta-se que as trajetórias dos estados do Maranhão e do Rio Grande do Norte são alteradas principalmente na metade da série analisada. Esse fato é explicado pelo desembolso a investimentos de grande porte, como plantas industriais de papel e celulose, mineração e termelétricas, para o primeiro estado, e implantação de grandes parques eólicos no semiárido potiguar. Ainda sobre o mesmo

tema, a Figura 2 apresenta a localização dos principais projetos de maior porte implantados ou em implantação na região nos últimos sete anos, e nota-se a ausência de empreendimentos de grande porte nos estados de Sergipe e da Paraíba.

FIGURA 2 Projetos estruturadores na região



Fonte: BNDES.

UMA ANÁLISE SETORIAL

Como já mencionado, cerca de R\$ 117,0 bilhões foram liberados pelo BNDES no Nordeste, entre 2007 e 2013. Desse montante é possível realizar uma análise setorial tabulando as maiores⁴ liberações por setor de atividade no referido período, cujo somatório chega a aproximadamente R\$ 71,0 bilhões. O maior desembolso ficou por conta do apoio a projetos públicos, predominantemente aos planos estaduais de desenvolvimento. É importante lembrar que esses projetos são multidimensionais

⁴ Foram consideradas as liberações para setores que apresentassem somatório igual ou superior a R\$ 1,0 bilhão em todo o período aqui analisado.

e divididos em subcréditos que contemplam desde a construção de uma rodovia à implantação de uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) ou um hospital, redes de água e saneamento ou mesmo programas de inclusão produtiva para população de baixa renda. Dessa forma, ainda que classificado em apenas um setor, percebe-se que o financiamento se distribui em vários segmentos de acordo com o plano apresentado.

Em seguida, vem o financiamento a refino de petróleo, transporte rodoviário (principalmente renovação da frota de caminhões), geração de energia eólica, que superou até a fabricação de produtos petroquímicos na quinta colocação, representada, sobretudo, pela implantação de plantas petroquímicas particularmente em Suape (PE) e na Bahia. Os investimentos em energia também são expressivos tanto na distribuição da rede elétrica como na geração térmica.

TABELA 4 Maiores desembolsos do BNDES na Região Nordeste por setor de atividade, 2007-2013

Setor de atividade	Liberações
Administração pública em geral (principalmente governos estaduais)	10.865.346.205
Fabricação de produtos do refino de petróleo	10.741.138.035
Transporte rodoviário de carga	8.791.210.181
Geração de energia elétrica – eólica	7.747.308.254
Fabricação de produtos petroquímicos básicos	6.763.943.168
Geração de energia elétrica – térmica	4.389.507.829
Distribuição de energia elétrica	3.771.813.617
Fabricação de celulose	3.314.624.177
Transporte dutoviário	2.902.094.260
Transporte ferroviário de carga	2.770.180.424
Gestão de instalações de esportes (arenas)	1.731.871.367
Cultivo de soja	1.592.888.636
Operações de terminais	1.408.426.833
Construção de embarcações e estruturas flutuantes	1.313.177.679
Transporte rodoviário coletivo de passageiros – municipal	1.119.730.473
Construção de rodovias e ferrovias	1.083.882.282

Fonte: BNDES.

Outros destaques foram as liberações para o setor de papel e celulose, principalmente as grandes plantas industriais em Imperatriz (MA) e no sul da Bahia, transporte dutoviário (projeto do Gasene⁵), transporte ferroviário, notadamente o projeto da Transnordestina e os investimentos logísticos da Vale no Maranhão, o cultivo de soja, concentrado na Bahia, Piauí e Maranhão, a construção de embarcações, esta última relacionada à implantação de estaleiros de forma mais expressiva em Pernambuco.

O BNDES também participou do financiamento às quatro arenas para a Copa 2014 construídas ou modernizadas no Nordeste e financiou a implantação e a ampliação de terminais portuários.

OPORTUNIDADES E DESAFIOS

A estabilidade econômica aliada à melhoria de emprego e renda, à diminuição da pobreza extrema e, conseqüentemente, ao aumento do consumo experimentado nas últimas décadas propiciou um ambiente favorável ao empreendedorismo regional. Para as instituições financeiras, entre elas o BNDES, essa percepção veio agregada ao maior uso de financiamento, não só para consumo, mas também para investimentos de diversos portes. Ressalta-se o menor uso, na região, do capital próprio, beneficiando assim os pequenos empresários com a possibilidade de um cronograma mais rápido na implantação dos projetos a partir de financiamentos mais acessíveis.

É fato que a grande parte dos empreendimentos de grande porte é financiada pelo BNDES e que acabou por elevar significativamente o volume de recursos no Nordeste, mas também que esse movimento foi acompanhado por um relevante crescimento do número de operações do Banco, com destaque para as empresas de pequeno porte. Os números revelam um maior acesso ao crédito, não só às grandes empresas, mas também

⁵ Projeto de interligação de malhas de gasodutos do Sudeste-Nordeste.

ao pequeno empreendedor, que possivelmente está relacionado não só a programas e linhas de financiamento mais ágeis e de melhor custo, mas também a uma mudança cultural do uso do crédito como forma de agilizar a implantação ou ampliação de empreendimentos.

Ainda que seja a região mais desafiadora do ponto de vista dos indicadores sociais, como ter metade da renda *per capita* do país, um baixo nível de escolaridade e as menores coberturas dos serviços de água e saneamento, o Nordeste vivenciou nos últimos sete anos um cenário favorável do ponto de vista produtivo.

Esse desempenho recente, ainda que oportuno, na avaliação do Departamento Regional Nordeste do BNDES traz a princípio três grandes **desafios**. O **primeiro** será garantir o amadurecimento dos investimentos implantados ou em curso a partir do enraizamento deles e da mobilização das capacidades produtivas locais no atendimento à demanda por bens e serviços proporcionada. Como é conhecido na literatura econômica, nem sempre os projetos de grande porte geram sinergia local a ponto de provocar externalidades positivas e benefícios para o tecido empresarial local.

O Nordeste deverá passar, nos próximos anos, por uma significativa mudança na estrutura econômica, com ênfase na nova composição industrial. A influência dos investimentos em segmentos industriais não tradicionais na região – como a indústria naval, energia eólica (equipamentos e parques eólicos), farmacológico, papel e celulose, bioquímico, siderúrgico, ou ainda os, até agora, apenas existentes na Bahia, mas que também começam a despontar em outros estados, como a petroquímica e a automobilística –, nos indicadores econômicos e sociais do Nordeste, ainda não foi totalmente contabilizada e deverá ocorrer em médio prazo, em torno de cinco anos.⁶

⁶ Expectativa com base na análise de instituições estaduais de planejamento a respeito dos efeitos dos projetos em curso no Nordeste.

Destaca-se ainda, além do setor produtivo, toda a demanda gerada pelos Planos Estaduais de Desenvolvimento antes mencionados, que somaram, no período aqui estudado, mais de R\$ 10,8 bilhões. Os equipamentos públicos implementados a partir desses planos são demandantes não só na fase de construção, mas também no momento de funcionamento, uma vez que necessitam de bens e serviços para o atendimento à população, gerando uma elevada capacidade de compra por parte do setor público.

No momento, a região colhe os frutos da fase de implementação dos projetos que têm um efeito maior na construção civil, serviços de menor densidade tecnológica e na geração de empregos de menor qualificação. É necessário inserir a mão de obra local nas ocupações mais especializadas e consolidar a cadeia de fornecedores de bens e serviços relacionados a esses segmentos. Esse esforço se faz necessário, pois se trata de empreendimentos capazes de se relacionar com outras regiões do país e também internacionalmente para suprir grande parte de suas demandas sem necessariamente a presença no Nordeste nos elos complementares da cadeia.

Na economia do Nordeste, já estão presentes capacidades produtivas que se inseriram ou em breve participarão desse processo. Contudo, é fundamental uma mudança de patamar no nível educacional e no investimento em ciência, tecnologia e inovação para otimizar essa inserção. Com os atuais indicadores apresentados por essas dimensões, o mencionado enraizamento dos projetos estruturadores na economia regional poderá ser marginal. Pela velocidade em que tais mudanças têm ocorrido, possivelmente será necessário aos atores locais investir de forma mais acelerada e em patamares mais elevados na adaptação às novas demandas.

Um **segundo** desafio diz respeito aos impactos territoriais gerados pelos investimentos mencionados. É necessário monitorar as questões ambientais e observar os efeitos nos municípios

direta e indiretamente afetados pela presença de projetos de grande porte, já que a dinâmica da ocupação urbana e demográfica é completamente modificada com esse novo cenário. Vale ressaltar que a quase totalidade dos empreendimentos ficam localizados em municípios de pequeno porte e que, na maioria das vezes, têm pouca ou nenhuma capacidade de gestão para acompanhar as novas demandas. Os governos municipais estão pouco capacitados para coordenar a organização espacial e a inserção do empreendimento e sua cadeia produtiva no território.

Nesse sentido, nos últimos anos, o BNDES elaborou uma política de atuação no entorno de projetos com o objetivo de promover oportunidades de desenvolvimento econômico e social nas áreas de influência dos empreendimentos estruturadores, maximizando externalidades positivas e mitigando impactos negativos. Para tanto, o Banco procura atuar de forma articulada com parceiros estratégicos a partir de uma agenda participativa comum e que contemple: (i) planejamento e ordenamento territorial e ambiental; (ii) infraestrutura regional e desenvolvimento urbano; (iii) fortalecimento e modernização de gestão; (iv) educação e formação de recursos humanos com mobilização dos sistemas de conhecimentos locais; (v) desenvolvimento econômico por meio dos arranjos produtivos e ampliação do efeito trabalho e renda. É importante registrar a necessidade de trabalhar os cinco eixos mencionados de forma integrada, o que deverá necessitar de uma institucionalidade territorial ampliada para coordenação da agenda.

A atual carteira de projetos já se encontra concluída ou em fase final de implantação, e os maiores efeitos socioeconômicos devem durar em torno de cinco anos. Dessa forma, o **terceiro** desafio, e provavelmente com maior grau de dificuldade, é garantir a atração de um novo ciclo de investimentos no Nordeste, incluindo a presença de empreendimentos de última geração de setores intensivos em inovação e fortemente rela-

cionados com as demandas do século XXI. É necessário também que esse novo ciclo seja capaz de contemplar as menores economias da região para reduzir as expressivas diferenças entre as economias estaduais.

A esse respeito, em um dos seminários realizados pelo BNDES sobre a Região Nordeste com empresários e empresas de fora da região e que atualmente têm presença significativa no Nordeste, o Banco indagou os motivos da escolha por investir na região e o que atrairia novos investidores. As respostas ficaram concentradas no dinamismo socioeconômico com a elevação da renda e o aumento do consumo, ainda que algumas situações específicas de melhor infraestrutura logística e nível educacional dos municípios escolhidos tenham sido relatadas. De qualquer forma, foi evidenciado que a prioridade na escolha locacional estava relacionada a consumo, renda e mercado, mas que ainda existia um desnível estrutural no Nordeste em relação a outras regiões. Outro aspecto importante foi o fato de que o acesso ao financiamento foi mencionado pelos empresários como um fator importante, mas não definidor da escolha pelo Nordeste.

Nesse sentido, percebe-se que, para superar o terceiro desafio mencionado, é necessário elevar as condições de competitividade da região com melhoria da produtividade investindo em educação, capacitação, inovação, infraestrutura hídrica, energética e logística adequada.

Constata-se, assim, que a região passou por uma evolução recente com importantes avanços e conta com um cenário de médio prazo promissor, mas que vem acompanhado de desafios que, se superados, podem fazer a diferença entre um Nordeste desenvolvido ou a permanência de uma região com os piores indicadores sociais do país.